



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3491 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

DANÇA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA PROMOÇÃO DE PRÁTICAS INTERCULTURAIS

Sueli de Fatima Xavier Ribeiro - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Leures Athaide da Silva - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Neide da Silva Campos - SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO

Agência e/ou Instituição Financiadora: NÃO

RESUMO: Trazemos a reflexão sobre um projeto de Extensão Universitária, cujo objetivo foi o de ofertar oficinas de danças com recorte nas identidades cuiabanas e mato-grossenses, pela formação contínua na perspectiva da Educação Intercultural de educadores e acadêmicos, e que viabilizou, como expressão desses objetivos, a realização do XVI Eidancece – Encontro Interescolar de Dança e Cultura da Cidade Educadora. A formação possibilitou refletir sobre as perspectivas intercultural e interdisciplinar das danças regionais: Siriri, Chorado e o Maculele. A formação objetivou qualificar a prática pedagógica da dança fortalecendo a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, para a inclusão das histórias e culturas afrobrasileira e indígenas no currículo. As ações expressam a relevância da extensão voltada à formação na perspectiva da educação intercultural e cultura local pela educação do corpo na dança da escola.

Palavras-chave: Cultura; Dança; Formação Contínua; Educação Intercultural.

INTRODUÇÃO

Trazemos a reflexão sobre um projeto de Extensão Universitária, cujo objetivo foi o de ofertar oficinas de danças com recorte nas identidades cuiabanas e mato-grossenses, pela formação contínua na perspectiva da Educação Intercultural de educadores e acadêmicos, e que viabilizou, como expressão desses objetivos, a realização do XVI Eidancece – Encontro Interescolar de Dança e Cultura da Cidade Educadora. O Eidancece como ação dentro do projeto de extensão, foi construído a partir da formação contínua de professores e professoras da rede pública de ensino de Cuiabá, entre setembro e novembro e atendeu mais de 430 educadores de Arte, de Educação Física e do Projeto Mais Educação que atendem as crianças fora do turno regular das aulas. As oficinas das danças de matriz africana e ameríndia, em Mato Grosso, pautaram a obrigatoriedade das leis 10.639/03 e 11.645/08, tendo por referência a Educação Intercultural na escola.

O curso de formação contínua: “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano”, objetivou que as escolas municipais pudessem desenvolver projetos de dança de forma interdisciplinar e intercultural e ao final, levassem seus alunos e alunas para se apresentarem no XVI Eidancece. O evento ocorreu como momento síntese do projeto de extensão no dia 14 de novembro de 2017, no Centro Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso.

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E FORMAÇÃO

A formação contínua ofertada aos professores e professoras da rede pública de ensino de Cuiabá, buscou desenvolver uma prática pedagógica pautada na Educação Intercultural, por compreender que somente com essa proposição intencional de promover o reconhecimento da diversidade étnica e cultural e discutir as práticas sociais que cotidianamente reforçam o preconceito racial e marginalizam os corpos afrodescendentes e ameríndios no cotidiano das relações que permeiam as práticas pedagógicas na escola.

Nessa proposição pedagógica, como afirma Marin (2010), não basta reconhecer a diversidade e tão pouco discutir as questões étnico-raciais, mas implica em intencionalmente planejar uma prática pedagógica que possa promover as relações interculturais que neutralizam as relações de poder imposta pela perspectiva monocultural e eurocentrada da cultura escolar, pois essa privilegia uma cultura em relação a outra, um grupo em relação ao outro, e nega a possibilidade do reconhecimento do outro diferente do eu, na constuição de si e da sociedade mais humanizadora.

Discutir tais perspectivas tendo como pano de fundo uma expressão da cultura corporal de movimento – a dança –, como evidenciou nosso projeto, contribui para ampliar o acesso de todas as produções materiais e imateriais produzidas por diferentes sujeitos em cada contexto histórico específico em que se produz. Assim, conhecer e valorizar tais produções desvela pré-conceitos, principalmente em relação às culturas de matriz africana, indígenas e populares que se manifestam e são negligenciadas nos espaços escolares.

Pensar em uma educação para além da escola é um grande desafio para a comunidade escolar, para superar esse desafio, promovemos a formação para os professores buscando efetividade na melhoria do processo ensino e aprendizagem, organizando práticas pedagógicas que subsidiassem a implantação de pressupostos da Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que visam promover a equidade social por meio de uma nova consciência sobre as matrizes étnicas e culturais no Brasil, e com a intenção de tornar a escola um espaço de formação humana, adotando práticas que rompam as barreiras interdisciplinares com ações interculturais que dialogam com diversos saberes, inclusive com as danças Siriri, Maculelê e Chorado:

O Siriri de acordo com Grando (2002) é uma dança caracterizada pela participação de homens e mulheres, mas que por ser uma manifestação da cultura tradicional mato-grossense tem a participação das crianças e pessoas de todas as idades, uma vez que suas coreografias são variadas e ao mesmo tempo simples, sem um rigor técnico, especialmente ao tematizar a religiosidade e a beleza regional pantaneira.

O Maculelê, de acordo com Sales (2015) é a ousadia: “[...] acrobacias e o ritmo energético provocado pelas batidas dos atabaques [...] dois bastões, para que possa entrar na dança e se envolver na força guerreira que transborda nesses espetáculos”. (2015, p.73).

A Dança do Chorado, segundo Fernandes e Almeida (2010), resulta das relações históricas dos mato-grossenses desde o período da colonização portuguesa e cujos gestos e expressões da dança evidenciam o processo de resistência e clemência das mulheres negras para liberação dos seus filhos dos castigos físicos e até morte, em Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso.

O reconhecimento da dança como conteúdo qualificado na escola proporcionou aos professores perceber as possibilidades e as perspectivas que esse conteúdo oferece na perspectiva interdisciplinar e intercultural. Como afirma Marques (2005, p.33): “Estamos passando por uma fase de transição em que o fazer pensar a dança na escola brasileira está sendo construído por nós”. Pensar na formação de professores cuja base teórico-metodológica permite que as culturas marginalizadas no cotidiano escolar sejam problematizadas e acessadas pelo currículo em ação, demonstra um projeto de educação articulado com as diferentes identidades e o reconhecimento e valorização de todas.

Nesta perspectiva, as oficinas das danças, além de proporcionarem o ensino das histórias e das práticas de cada dança, foram conceitualmente fundamentadas na educação intercultural, na cultura na e da escola, na valorização dos saberes e identidades da comunidade escolar, mais especificamente compreendendo essa em sua diversidade étnica e cultural, e nos processos de ensino e aprendizagem que pudesse garantir o atendimento a especificidade das leis acima citadas, que tornam obrigatório a inclusão das histórias dos povos indígenas e da população afrobrasileira e de suas respectivas culturas.

Com a formação e o estudo desses referenciais subsidiou os professores a fim de melhor qualificar suas práticas, pois atuar numa perspectiva intercultural demanda tempo, sensibilização e enfrentamento.

Esse processo, no entanto, foi evidenciado durante essa edição do Eidance, evento que pela primeira vez foi organizado a partir da formação. Na avaliação de sua idealizadora, o mesmo ganhou um novo significado para as escolas que dele estariam participando, pois passaram a compreender o papel da escola na inclusão de novos saberes pautados nas histórias que são constitutivas dos corpos afrobrasileiros e ameríndios que compõem a identidade das crianças cuiabanas.

VIVÊNCIAS E CULTURAS EM MATO GROSSO

Com o número de aproximadamente 230 pessoas participantes por período (matutino e vespertino) a formação foi organizada a partir de cada uma das danças em salas-oficinas em que os participantes da formação pudessem ter diferentes dimensões do conteúdo em cada encontro. Cada grupo de professores era distribuído em salas-temáticas e grupos que simultaneamente participavam do processo de formação em rodízio conduzido pela equipe de formação. Num salão se organizou as práticas da dança, em outras duas salas, os espaços de estudos que fundamentavam conceitualmente a oficina, uma com o conteúdo específico e outra com os fundamentos mais amplos da prática pedagógica na escola, como os referenciais para a elaboração de projeto pedagógico interdisciplinar e intercultural e pautando-se nos conteúdos expressos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em suas leis complementares: Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 (BRASIL, 2003; 2008).

A primeira oficina de Dança do Siriri foi realizada com os bolsistas do Projeto Bataru: cultura e identidade, que também realizam essa prática para acadêmicos da UFMT, e que são vinculados à comunidade tradicional de São Gonçalo que hoje bairro, foi a primeira aldeia do Povo Bororo que se confrontou com a chegada dos bandeirantes em busca de escravos e que deu início ao processo doloroso de colonização e constituição de Cuiabá e Mato Grosso. Com isso, o Siriri vivenciado era subsidiado pela história e cultura local e referenciado com fontes que auxiliam no aprofundamento de suas origens e significados, para tal foram interlocutores relevantes para a compreensão do papel da cultura local na escola, entre outros, são relevantes: Grando (2008), Campos (2011), Sene (2017) e Geertz (2008).

É relevante compreender com Grando (2009, p. 62), que “[...] as práticas corporais das sociedades tradicionais colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados por meio dos corpos dos indivíduos, tendo como base suas tradições”, portanto, conhecer os sentidos e significados que produz e expressa nos corpos cada prática corporal – dança – é compreendê-la como manifestação corporal de formas de ser, pensar e agir no mundo, pois as relações culturais estabelecidas nos mais diversos espaços sociais em que o corpo se produz como conhecimento e expressão da realidade vivida, garante a vivência de formas de se identificar individual e coletivamente, na relação com o outro, pelo acesso as suas práticas corporais. Assim, com as oficinas de danças, essas são compreendidas para além de suas técnicas ou movimentos vivenciados, mas como conhecimento que educam no corpo outros sentidos e significados em relação ao negro e ao indígena em seus processos de produzir a vida e suas identidades.

Para a realização da oficina de Dança do Chorado a equipe da pesquisa-ação vinculada ao projeto contou com representante da comunidade remanescente de quilombola da Baixada Cuiabana, e foi subsidiada com documentários a respeito das festanças do município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Neste local se originou essa manifestação cultural entre as mulheres negras lideradas por Teresa de Benguela. Vivenciamos a dança, a partir das discussões feitas e das músicas trabalhadas, prosseguindo com as orientações dos passos. A dança do Chorado foi assim conteúdo significativo para a inclusão do conteúdo que evidencia a valorização da mulher negra para a história, a cultura e a identidade mato-grossense e brasileira, como promotora e produtora da religiosidade e das lutas sociais fundamentais para a constituição da sociedade.

A terceira oficina teve como foco o estudo da dança Maculelê, sendo apresentando o documentário e a história da prática corporal e vivenciado jogos que orientavam como utilizar recursos didáticos voltados ao estudo da história dessa dança que é uma expressão da cultura negra no Brasil. Nesta oficina foi possível a aplicação dos estudos das práticas sociais de matriz africana e a luta do povo negro na constituição da nossa brasilidade, assim como viabilizou na formação o debate sobre as dificuldades apontadas como limitadoras para o ensino da cultura afrobrasileira e de sua matriz religiosa na escola, debate possibilitado com a interlocução de Lara (2005) e Marques (2015), entre outros.

A etapa seguinte foi destinada à ação dos professores no desenvolvimento dos projetos relacionados com o conteúdo estudado no curso na escola. Para tal, foram disponibilizados materiais didáticos e orientações metodológicas. Pois consideramos, como afirma Grando (2010), que: “A cultura como possibilidade de intervenção pedagógica interdisciplinar e educação intercultural na escola, cria novas metodologias para a educação intercultural” (2010, p.83).

O fechamento destas aprendizagens com as danças finalizou após as escolas desenvolverem seus respectivos projetos e organizarem-se para apresentarem com as crianças as danças escolhidas para o XVI Eidancece em novembro de 2017. Neste evento, participaram 26 escolas do município de Cuiabá-MT, do Ensino Fundamental e do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEIs)

CONSIDERAÇÕES

A formação “Presença Indígena e Negra no Contexto Histórico Cuiabano” possibilitou o acesso a novos conhecimentos pautados na Educação Intercultural para mais de 430 professores de Arte, Educação Física e do Projeto Mais Educação, oportunizando as crianças das escolas públicas de Cuiabá o acesso à história e cultura de sua cidade a fim de se reconhecerem socioculturalmente com suas famílias e comunidades.

Na opção por uma dança privilegiou-se os aspectos históricos e contextualizados em diálogo com a cultura e a identidade de diferentes grupos sociais e contextos históricos distintos, a fim de promover uma prática educativa capaz de dialogar com diferentes saberes e práticas que pudessem valorizar as identidades das crianças e das comunidades escolares.

Essa decisão pode ser evidenciada nas apresentações do evento síntese do Projeto, os professores e alunos interagiram com a cidade e esta participou efetivamente de um grande encontro de dança organizado pela UFMT realizado por ocasião da comemoração do dia da “Consciência Negra” que é feriado em Cuiabá: o XVI Eidancece.

Neste espaço de visibilidade das aprendizagens pudemos observar que nas danças do Siriri coreografadas pelos professores, houve harmonia nas cores, adornos, ornamentos, mas também nos sentimentos expressos com seriedade e serenidade com que cada escola se apresentava e antes e após participava do evento.

Neste processo de apresentações foi possível identificar o que propõe Lara (2008): “Pensar na dança como uma das formas de reencontro do humano consigo e com os outros, seja nos espaços sagrados, seja na vida profana, é algo desafiante e, talvez, sejam estes desafios que conduzem a novos encadeamentos”. (2008, p.22).

Com a Dança do Chorado apresentada pelos professores com suas crianças, constatamos que ao terem acesso à compreensão da cultura e dos seus sentidos e significados simbólicos, essas passam a ganhar espaço na escola e com isso, potencializam a inclusão e identificação das crianças com suas raízes culturais africanas e mato-grossenses.

Com isso, podemos afirmar que a formação ressignificou o ensino da prática da dança na escola, promovendo novas metodologias e práticas reflexivas que incluíram diversos grupos sociais e diferentes culturas presentes na escola.

Em relação aos eventos anteriores, este trouxe uma inovação na participação das escolas, pois foi a primeira vez que uma dança indígena apareceu como expressão de cultura e identidade local. Outra novidade foi uma encenação da religiosidade afro-brasileira: a Umbanda. Esta trouxe a presença cênica de uma Mãe de Santo em cerimônia com elementos antagônicos que constrói oposições não só entre religião e magia, mas também entre outros elementos e expressões do campo sagrado como as roupas, turbantes, altar, gestos, e especialmente, a gestualidade da dança e a música dos tambores africanos.

O processo da interculturalidade para ser realizado deve ser intencional, pois somente assim permite que a escola reconheça os valores e os conhecimentos que a cultura traz, muitas vezes enraizados nos corpos dos alunos e alunas, e nos de seus professores, e que passam geralmente invisibilizados.

As danças de matriz africana, como expressão intercultural no Eidancece, trouxeram a dimensão do

campo religioso como apresentação cultural, o que significou que foram tematizadas como conhecimento na escola, evidenciando assim, que é possível desenvolver experiências que abordam os aspectos das diferentes religiosidades no contexto escolar, uma vez que, durante a formação, muitos professores se manifestaram afirmando a inviabilidade de tais temáticas por terem na escola a presença de alunos e professores de religiões cristãs fundamentalistas que não admitiam expressões da religiosidade afrobrasileira.

O XVI Eidance contou ainda, com a presença de um grupo de matriz religiosa Umbandista “Tambores de Jurema” que participou com apresentação que encantou a todos os presentes com olhos livres de preconceitos, com respeito a religiosidade.

Assim, podemos afirmar que a dança é uma forma de educação intercultural na escola que não se limita à aprendizagem de gestos ou “técnicas corporais”, mas, sobretudo, traz o prazer do encontro com o outro/corpo dançante, sua contextualização histórica, seus sentidos e significados. A dança na escola, espaço social de produção de conhecimento, permite a dialogicidade necessária à cultura nossa e a do outro como possibilidade de encontro nas e das diferenças, qualificando a escola como espaço de humanização na Educação Intercultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 11. 645, de 10 de março de 2008** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e indígena”. Brasília, Palácio do Planalto, 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. **Lei n.º 10. 639, de 9 de janeiro de 2003**

Altera a Lei no 9.394 e Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, Palácio do Planalto 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso 10 mai. 2017.

CAMPOS, N. da S. **Há fogo sobre as brasas?** Sentido das práticas culturais populares na educação escolar. Dissertação de Mestrado em Educação-PPGE. Cuiabá- MT, 2011.

FERNANDES, O; ALMEIDA, E. Dança do Chorado: efeitos de uma memória. Revista **África E Africanide**. Ano 3 n. 11, novembro, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRANDO, B. S. (org.). **Corpo, Educação e Cultura**: tradições e saberes da cultura mato-grossense. Cáceres, MT: Unemat, 2008.

GRANDO, B. S. (org.). **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

LARA, L. M. **As danças no candomblé**: corpo, rito e educação. Maringá: EdUEM, 2008.

MARIN, J. A perspectiva intercultural como base para a elaboração de um projeto de educação democrática: povos autóctones e sociedade multicultural na América Latina. **Visão Global**, Joaçaba, v.13, n1, p. 13-52, jan./jun.2010.

MARQUES, A, L. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2005.

SALES, J.L. **Corporeidades negras em cena**: um processo cênico-pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade. Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Arte. Brasília, dezembro de 2015.

SENE, L. J. de. **Manifestações da Cultura Regional nas Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental em três escolas da Rede Municipal de Cuiabá**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2017 (80p.).

